



01 de setembro de 2023
Dia Mundial de Oração pelo cuidado da Criação



Foi Deus



Um mar de jovens provenientes dos quatro cantos do mundo ‘desaguou’ em Portugal, “que nunca viu nada assim”, enchendo as nossas cidades e vilas de coloridas bandeiras e de músicas inspiradoras e contagiantes, oriundas de corações que sabiam para o que vinham; as palavras do Papa bem interpretaram Quem fazia correr estes jovens: “*Jesus olha para vós, Ele que vos conhece e lê no vosso íntimo; olha para o vosso coração, conhece as alegrias e as tristezas, os êxitos e as derrotas. E Ele hoje diz-vos, aqui em Lisboa, nesta Jornada Mundial da Juventude: “Não temam! Não tenham medo! Animem-se!”*

Só pode ser obra de Deus encontrar tantos jovens reunidos em pequenos grupos a falar de Deus, a ler a bíblia, a rezar, a cantar, a jogar, a caminhar juntos, a tocar, a partilhar a própria fé e a vida, superando barreiras linguísticas, carregando quem mais incapacitado ou debilitado estava; um mar de alegria e generosidade, sem desacatos e vandalismo, tão recorrentes em universos laicos; tantíssimos procuraram o sacramento da reconciliação: uma escuta, o perdão restaurador, uma força suplementar, a redescoberta de serem “obras-primas” do Altíssimo; só pode ser obra de Deus: aqueles momentos de silêncio que a multidão fazia nas grandes celebrações. Louvado seja Deus pelo acolhimento dos peregrinos nas famílias, dioceses, congregações religiosas, escolas e outras instituições públicas e privadas.

‘Foi Deus’, fado tão sublime cantado por Mariza, a trazer tanta gente - mais de um milhão e meio de jovens – com tantos voluntários a abraçarem esta causa, serviços médicos e de segurança (a Polícia a

ser aplaudida só poder ser milagre!) a garantirem o apoio aos peregrinos, e tanta gente simples desempenhando as tarefas mais humildes, mas não menos essenciais...sem olvidar os gestos e as palavras estimulantes e desconcertantes do Papa Francisco. Louvado seja Deus porque a Igreja e os poderes públicos souberam cooperar num acontecimento tão marcante para a Igreja e para o mundo. Por tudo seja Deus louvado!

Precisávamos todos deste banho de juventude para não cairmos na tentação de situar a Igreja no plano inclinado da decadência, e sem rasgo em apontar caminhos de futuro; tínhamos de vencer as vozes das cassandras costumeiras, sempre preocupadas com gastos dos `outros`, arraigadas ao "dogma" da laicidade do estado e ao incenso da Carbonária. Se muitos eram os que queriam que a JMJ corresse mal, incontável foi o número dos que concluíram que este peregrinar juvenil foi um dom de Deus! Que este acontecimento eclesial e com impacto mundial estimule a um catolicismo de maior ousadia e menos envergonhado!

E agora? A graça de Deus que foi a JMJ nos leve, enquanto Delegação, a apostar nos jovens, tentando despertar neles a vocação e a paixão pela espiritualidade monfortina. Inspirando-nos nas palavras tão recorrentes nesta JMJ: encontro com Cristo, partir, caminhar sem desanimar, ir ao encontro de todos, sonhos, resplandecer, sem medo...que este acontecimento seja o motor de arranque para uma nova pastoral: de mais escuta dos jovens para mais deles aprender, acompanhá-los com confiança porque todos estamos em caminho, e desafiá-los sem reticências para o "mar aberto" da missão de Jesus por Maria. Se "este é o tempo da graça que o Senhor nos concede para nos aventurarmos no mar da evangelização e da missão", como nos desafia o Papa, e como tal por todos for assumido, muitas e santas vocações monfortinas surgirão nesta terra de Santa Maria para bem da Igreja e da humanidade.

Pe. Amílcar Tavares,
Superior da Delegação

Nada melhor do que subscrevermos e abraçarmos as palavras, com sabor tão monfortino, do Cardeal-Patriarca emérito de Lisboa, D. Manuel Clemente, apresentando o nosso confrade, Rui Valério, como novo Patriarca da capital. A Deus o confiamos com as nossas preces e orações e a ele manifestamos a nossa alegria e asseguramos a nossa proximidade religiosa para que, diante de tão grande responsabilidade que a Igreja lhe atribuiu, saiba ser pastor à maneira de Jesus e de S. Luís de Montfort. Nossa Senhora da Sabedoria o assista.

Saudação ao novo Patriarca de Lisboa



O Santo Padre acaba de nomear Patriarca de Lisboa o Senhor D. Rui Manuel Sousa Valério, SMM, até agora Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança.

Agradeço a nomeação, pelo conhecimento que tenho das necessidades da Diocese e das qualidades humanas e pastorais de



D. Rui Valério. Sacerdote monfortino (Missionários da Companhia de Maria), trabalhou vários anos connosco, sendo pároco, vigário, membro do Conselho Presbiteral e do Sínodo Diocesano de 2016, em cuja aplicação continuamos.

Em tudo se revelou como homem de Deus, ao serviço do Seu povo, com a espiritualidade mariana tão própria do fundador do seu Instituto, São Luís Maria Grignon de Montfort. D. Rui é um pastor cordial e próximo, pronto a corresponder ao que mais urja para o bem de cada um e das comunidades que serve. Coincide com o que o Evangelho requer e o Papa Francisco pede aos pastores da Igreja, como certamente foi tido em boa conta para a presente nomeação.

Dirigindo-se ao Capítulo Geral da Companhia de Maria (Monfortinos), no mês de maio passado, o Papa Francisco sublinhou “três valores” que o Instituto cultiva e têm particular atualidade: “o acolhimento, a internacionalidade e a ternura”. Acolhimento, que “precisa de criatividade, que nos torne próximos de todos, inclusive em situações novas que exigem respostas urgentes”. Internacionalidade, “pelas cores da internacionalidade, da multiculturalidade e do diálogo intergeracional”. Ternura, porque as virtudes mencionadas “florescem, a todos os níveis, quando as pessoas se sentem amadas e respeitadas”. Porque “Deus é próximo, terno e compassivo. Ternura, compaixão e proximidade”.

Estou certo de que estas indicações papais, tão coincidentes com o que nos disse nos inesquecíveis momentos da Jornada Mundial da Juventude, encontrarão pleno cumprimento no novo Patriarca de Lisboa, de quem passo a ser mais um diocesano, com oração e muita estima.

Nesta ocasião agradeço muito reconhecidamente ao Povo de Deus do Patriarcado de Lisboa, que sempre me acompanhou na oração e na colaboração pastoral. Irmãos Bispos, sacerdotes, diáconos, consagrado/as e leigos/as, de todos continuarei próximo, porque “o coração não tem distância”. Agradeço igualmente a disponibilidade que sempre encontrei nas entidades civis, públicas e privadas, para tudo quanto se destinasse ao serviço da sociedade em geral.

D. Rui Valério tomará posse, diante do Cabido (Colégio dos Consultores), no sábado 2 de setembro, as 11 horas, na Sé Patriarcal. E entrará solenemente no Domingo 3 de setembro, às 16 horas, presidindo à Celebração Eucarística em Santa Maria de Belém (Jerónimos).

Com o nosso novo Patriarca e com todos, que Deus abençoe e Nossa Senhora proteja,

+ Manuel Clemente

Festa de São Lourenço, 10 de agosto de 2023



Foi pedido ao P. Luizinho, Superior geral cessante, uma lembrança especial do caminho percorrido no sexénio do seu governo, um desejo que tenha para o futuro da Congregação, bem como os desafios da missão monfortina na atualidade e aquilo que julga dever ser o diferencial dos Missionários da Companhia de Maria hoje. Agradecemos tudo o que fez pela Congregação e pela nossa Delegação em particular. Deus o recompense. Bem-haja!

Aqui apresentamos o artigo elaborado pelo P. Luizinho.

O título do artigo foi dado por nós.

Uma missão que deixou marcas

A visita ao túmulo de São Luís Maria de Montfort e da beata Maria Luísa de Jesus na Basílica de Saint-Laurent-sur-Sèvre é fonte de inspiração para muitos peregrinos. E para mim não é diferente. Começo este artigo estando aqui ao lado desses dois missionários, Luís Maria e Maria Luísa, pedindo que continuem sendo a fonte de inspiração para mim e para todos os que queiram que a própria vida cristã, religiosa e missionária seja significativa, que deixe pegadas para serem seguidas e pequenos gestos, como as “sementes do Reino de Deus” que são lançadas por onde passamos, assim como foi a vida deles. Longe de mim pensar que eu tenha alcançado essa meta. Há um longo caminho a percorrer.

É importante considerar esta introdução porque, durante o nosso mandato, Saint-Laurent-sur-Sèvre foi um lugar de referência importante, como vou explicar mais adiante.

Um mandato, um envio, uma missão

A primeira coisa a considerar é que o serviço como Superior Geral não é um “mérito”, mas é aquilo que deve ser: uma missão que leva uma grande responsabilidade nas costas, que é a responsabilidade de ser sucessor de grandes santos missionários, tendo como principal referência o nosso Santo Fundador, São Luís Maria Grignon de Montfort.

Quem vê essa missão como um privilégio ou status para honras e glórias está totalmente equivocado. Somos chamados e enviados para conhecer, amar, animar e servir os membros da Companhia de Maria, religiosos e leigos, espalhados pelo mundo. O que mais dá satisfação no serviço do generalato é saber que se está em comunhão com os irmãos, que não existem fronteiras quando o objetivo é ir ao encontro do outro. Penso que isso faça parte do DNA de um monfortino; pelo menos deveria ser assim...

O Capítulo Geral é uma “caixa de surpresas”: a gente sabe como entra, de onde vem e o que se faz, mas não imagina como sai e qual a missão que nos espera. Seja ela qual for, vai ressoar em nosso interior, do início até o fim, a disponibilidade total de Nossa Senhora: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Isso nos ajuda a recordar que o plano não é nosso e que somos servidores (cf. Mt 20,28). Por isso acredito que a missão funciona, vai ter resultados positivos, quando sabemos que recebemos um mandato, somos enviados (cf. Mt 28,19-20).

O que há de novo num novo mandato?

Desde o início do mandato eu estava consciente que não começava nada do zero. Há uma longa história da Congregação antes de nós. Há, de certa forma, uma continuidade e uma descontinuidade com as administrações anteriores. Somos orientados pelas decisões do Capítulo Geral, mas não podemos deixar de lado um caminho que vem sendo feito.

No meu modo de ver, desde a administração geral do Pe. Bill Considine, existe um fio condutor orientado para a missão monfortina apoiada “nos quatro elementos distintivos da missão monfortina: a evangelização, Maria, a “desinstalação”, o “fazer juntos” (Monfortino Hoje, Estatutos 63, §5). Se trata de uma “continuidade” que foi ganhando horizontes novos a partir do apelo “sair de Jerusalém”, retomada da formação e da missão internacional. O apelo para a vida comunitária e para os cursos de formação permanente integrando as culturas e “superando fronteiras”. Grande investimento econômico em vista da missão, formação e espiritualidade.

Justamente, no âmbito “o que fazer” o Capítulo Geral nos dá diretrizes, nos dá a orientação por onde ir, mas o “COMO fazer” este não nos revela. A gente tem que descobrir.

Acredito que a “descontinuidade” está propriamente no modo de pôr em prática as decisões do Capítulo. Uma tarefa de cada religioso e de cada Entidade: trabalhar na metodologia e conteúdo. Na nossa administração procuramos realizar o lema “Monfortinos a caminho, peregrinos sem fronteiras” em dois aspectos: promover as relações humanas e a missão itinerante.

Decidimos “apostar” na criatividade dos monfortinos religiosos e leigos. Nos deixamos inspirar pelo convite “sair de Jerusalém” e pela provocação do Papa Francisco “por uma Igreja em saída”. Dessas inspirações nasceu o nosso modo de trabalhar.

Reunidos junto ao túmulo de São Luís de Montfort

Para mim a primeira fronteira a ser superada era a “Casa Geral” como o lugar da administração. De onde estivermos, considerando os avanços tecnológicos de hoje, podemos administrar. Graças a Deus temos uma equipe muito boa na Casa Geral e podemos ter confiança.

Os membros do Conselho Geral aceitaram a minha proposta de pensar o nosso modo de trabalho em Saint-Laurent-sur-Sèvre. Contando com a ajuda do Pe. Jos Van den Bergh, atual superior da Delegação Geral da Bélgica, começamos a nos conhecer. Era a primeira vez que íamos trabalhar juntos. Viemos de lugares e culturas diferentes, de missões muito diferentes uns dos outros e era preciso compartilhar o nosso “ser e o nosso jeito de ser”. Foi uma boa decisão.

Partimos de uma realidade: o mundo ficou pequeno. O planeta e as pessoas estão conectados e as informações circulam muito rápido. Essa realidade mexe com o modo de exercer a autoridade, com o modo de “gestão”, de administração. Por isso, relendo os “Seis desafios” e os “Seis pontos de alerta” propostos pelo Capítulo Geral, nos perguntamos: “como nós da Administração Geral vamos pôr em prática, na nossa vida e missão, as conclusões do Capítulo Geral?”.

Decidimos sair em missão, descentralizar o serviço da “autoridade”, dando mais autonomia aos conselheiros em suas áreas de missão; retomando das “comissões” as propostas realizadas pelas administrações anteriores; sugerindo “seis anos de missão itinerante”, realizados Continente por Continente. O nosso intuito era provocar a integração dos leigos e religiosos monfortinos e promover a integração entre as Entidades nos diferentes países, arriscando-nos na proposta de “novas fundações” para que não nos esquecêssemos do nosso carisma na Igreja.

Foi ali, junto ao túmulo do nosso santo fundador, que nos sentimos motivados a deixar-nos envolver pela Súplica do Padre de Montfort: “voar para onde os impele o sopro do Espírito Santo, quais nuvens elevadas acima da terra ... “Seguiam para onde o Espírito os levava” (Ez 1, 12; Oração Abrasada, 9).

Se me perguntarem se tudo o que foi programado foi realizado e se os objetivos foram alcançados, eu diria que não. O que mais dificultou a realização do que tinha sido programado foi a chegada da pandemia (Covid-19). O continente europeu foi o mais prejudicado, considerando o planejamento que tínhamos da missão itinerante. Todo 2020 e grande parte de 2021 exigiu de nós uma mudança de metodologia, exigiu de nós novos aprendizados e criatividade. A pandemia nos deixou perplexos. Viagens canceladas ou interrompidas no meio do caminho, confrades enfermos ou mortos. Tempo de solidão para muitos dos nossos missionários em terras longínquas. Participamos todos da dor do mundo inteiro. Não fomos os únicos que sofremos naqueles tempos difíceis. Foi um doloroso desafio para nós que incentivamos toda a Congregação a sermos itinerantes e ir ao encontro do outro.

Concluindo

O artigo já está virando um livro, mas gostaria de concluir com uma lembrança importante. Uma lembrança que nos deixou a todos numa tristeza sem fim: a morte violenta do Pe. Olivier Maire. Foi para mim, na qualidade de Superior Geral, o momento mais triste na história atual da Companhia de Maria. Temos um “testemunho da caridade”, como um martírio, mas gostaríamos que ele estivesse vivo. O gesto do Pe. Olivier e de toda a comunidade Saint-Esprit nos leva a fortalecer a nossa capacidade de amar, de acolher, de arriscar por Deus e pela humanidade. Que nos sirva de exemplo.

A proximidade do Papa Francisco com a Congregação e com a família do Pe. Olivier, a mensagem carinhosa que nos enviou, nos consolou bastante. E, falando do Papa Francisco, alguém já disse isso, e eu também acredito, que a Igreja dos últimos tempos teve duas maravilhosas primaveras: a do Concílio Vaticano II e o papado do Papa Francisco.

Aos meus irmãos, padre Joseph Dwi e membros do Conselho Geral que darão continuidade à missão, a minha oração, a minha amizade e o desejo de que tudo corra bem durante todo o período do seu mandato. São Luís Maria de Montfort continue sendo a sua inspiração.

Aproveito para agradecer a todos que se sentiram partícipes do projeto missionário monfortino dos últimos seis anos. Foi um tempo de profunda integração entre os membros da Família Monfortina, não só dos três Conselhos Gerais – das Filhas da Sabedoria, dos Irmãos de São Gabriel e do nosso –, mas uma integração que considerou os leigos e leigas de todos os Continentes. A todos, muito obrigado! Deus continue abençoando seus esforços, vida e missão, por intercessão de São Luís Maria de Montfort e da beata Maria Luísa de Jesus.

A missão continua.

Pe. Luiz Augusto Stefani, SMM

ENTREVISTA DADA À REVISTA **FÁTIMA MISSIONÁRIA**, DOS MISSIONÁRIOS DA CONSOLATA, 26 DE AGOSTO 2023 /

MISSÃO HOJE

Jovem padre da Indonésia dedica-se à aprendizagem do português para estar em missão em Lisboa

Saferinus Njo deixou pela primeira vez a Indonésia com quase 30 anos, e agora é vigário na paróquia da Póvoa de Santo Adrião. A aprendizagem da língua portuguesa está a ser um grande desafio, que o religioso encara como parte do seu trabalho missionário. 1/2



Jovem sacerdote da Indonésia está em missão em Lisboa | Foto: Juliana

Depois de seis dias de formação, partilha e convívio, o Curso de Missiologia chega ao fim este sábado, 26 de agosto, nas instalações dos missionários da Consolata, em Fátima. Do grupo de formandos fez parte Saferinus Njo, sacerdote da congregação dos Missionários Monfortinos, nascido na Ilha das Flores, na Indonésia.

Saferinus chegou a Portugal com 29 anos, idade com que saiu pela primeira vez da Indonésia. Escassos dias depois de aterrar em território português, celebrou o seu 30.º aniversário. Tem agora 31 anos. Ao longo da sua formação sacerdotal, passou pela Ilha de Java e por Bornéu.

Cultivar para viver

“Na minha família éramos nove irmãos, mas cinco deles morreram quando eram pequenos. Agora somos quatro irmãos, e eu sou o mais novo. Os meus restantes irmãos estão casados. Venho de um país onde as pessoas praticam, sobretudo, a agricultura. O prato principal da minha terra é arroz. Comemos arroz em todas as refeições. Cultivamos arroz e hortaliças. O que produzimos comemos. Há também o cultivo de café, mas para venda”, indica.

Orgulho pela missão da Igreja

O sacerdote fala da Ilha das Flores como um lugar verde, com terrenos para cultivo, mas também “longe da cidade”, e com “acessos difíceis”, o que faz com que não seja fácil as pessoas moverem-se, e, conseqüentemente, “venderem e comprarem” produtos. As estruturas da Igreja no país, são

um motivo de orgulho. “Na minha região, a Ilha das Flores, a maioria das pessoas é católica, cerca de 90 por cento. A Igreja tem um papel muito forte, e detém escolas e hospitais. Como católico, orgulho-me. Assim temos meios para ajudar as pessoas, sejam católicos ou os muçulmanos, que também existem lá.”

Uma aprendizagem contínua

O religioso faz um balanço positivo da sua participação no Curso de Missiologia. “Este curso faz parte integrante da minha vida. A missão é uma formação permanente. Precisamos de nos atualizar e renovar com frequência, seja na vida pessoal ou, no meu caso, como sacerdote e religioso. Este curso foi uma oportunidade para poder aprender e para deter uma nova visão sobre a minha missão”, destacou o missionário.

O desafio de aprender uma nova língua

Saferinus é atualmente vigário na paróquia da Póvoa de Santo Adrião, em Lisboa, uma missão que requer a aprendizagem da língua portuguesa. “Eu aprendi muito com os missionários europeus quando eles foram ter à minha terra. Quando eles partiam, tinham de aprender a língua, e agora é a minha vez, estou eu a aprender uma nova língua e estou num novo contexto. A missão, em si, tem exigência, e uma delas é a língua. Eu estou a aprender. No meu idioma não temos acentos e a gramática também é mais fácil porque não temos conjugações como na língua portuguesa, mas toda esta aprendizagem também me coloca sempre em missão”, realçou o jovem sacerdote. O Curso de Missiologia está a decorrer desde a passada segunda-feira, 21 de agosto, com o tema “Corações ardentes, pés ao caminho”.

Texto: Juliana Batista

ENCONTRO INTERNACIONAL MONFORTINO



Com o desejo de pensar a Espiritualidade Monfortina, decorreu em S. Laurent-sur-Sèvre, entre os dias 6 e 13 de agosto o Encontro Internacional Monfortino, destinado a todos quantos têm

responsabilidade e colaboram de perto com os leigos que vivem a espiritualidade monfortina no mundo. Este encontro foi o primeiro do género, neste contexto da celebração dos 350 anos do nascimento de S. Luís de Montfort. O encontro teve como lema: “*Ide pelo mudo e fazei discípulos de*

todas as nações" Mt 28,19, foi promovido pelas três congregações da Família Monfortina: as Filhas da Sabedoria, os Missionários da Companhia de Maria (Monfortinos) e os Irmãos de São Gabriel. Nele participámos 170 pessoas, vindas de 36 países. Estiveram presentes algumas poucas religiosas Filhas da Sabedoria, alguns irmãos de São Gabriel, e um grande número de significativo de sacerdotes Monfortinos, uns 35, e também sacerdotes diocesanos vindos do Burundi e do Uganda. Claro, a grande parte eram leigos e leigas que nos vários países estão à frente dos grupos de espiritualidade Monfortina e colaboram com os religiosos na difusão desta espiritualidade, através da qual, são Luís de Montfort desejou instaurar o Reino de Cristo por Maria. Estiveram presentes os leigos que colaboram com os religiosos nos países onde estes se encontram, mas também leigos de países onde não há religiosos ou religiosas Monfortinos, mas se vive a esta espiritualidade, como é o caso do Burundi, e Singapura donde havia gente que aí anima grupos que vivem tal espiritualidade. O encontro constou de algumas conferências sobre esta espiritualidade na sua relação com o Batismo, a sua dimensão Bíblica, o seu aspeto Sinodal e a importância dos leigos na missão de São Luís de Montfort. Além disso tivemos momentos de celebração e oração e algumas visitas a lugares significativos da vida de São Luís e da beata Maria Luísa de Jesus; Mortfort-sur-Meu, Poitiers e Pontchâteau. Foi enriquecedor pela partilha realizada também nos grupos feitos a nível de Congregações, grupos linguísticos e a nível continental, além disso, foi boa a partilha feita a nível mais informal. Foi bom ver a diversidade de realidades existentes no mundo e como esta espiritualidade é importante em tantas culturas, desde a Papuásia à Argentina, da Bélgica a Singapura, Ruanda ou Uganda. Foi muito enriquecedor. A jeito de conclusão o que se constata é que a nível de Europa a organização deixa muito a desejar. No grupo da Europa os leigos manifestaram o seu desagrado sobretudo com o individualismo do trabalho dos missionários neste continente. Constatou-se que mais do que trabalho a nível de congregações, os missionários trabalham individualmente. Cada um faz por si, criando a sua "clientela", (especialmente a nível de padres) sem que os superiores emanem normas precisas sobre os modos de atuar que deveriam ser comuns. O risco é que as pessoas passam e com elas as "capelas" criadas por tal ou tal missionário, sem referimento à comunidade, ou ao grupo dos missionários em determinado país. O desafio é claro: fomentar o trabalho sério com leigos que se empenhem e estejam dispostos a trabalhar com orientações precisas da administração de cada país e não apenas com o padre tal ou tal, num ambiente pouco saudável à vida espiritual e ao futuro da obra que se pretende solidificar. Tudo indica que encontros como este serão repetidos e bom seria que nessa altura Portugal contasse com o Assistente Espiritual da Associação Maria Rainha dos Corações e com um leigo presidente da Associação e leigos que vivam a sério esta espiritualidade e a dinamizem em comunhão com a Delegação, indo ao encontro das necessidades existentes no país.

Pe Delfim Afonso, smm

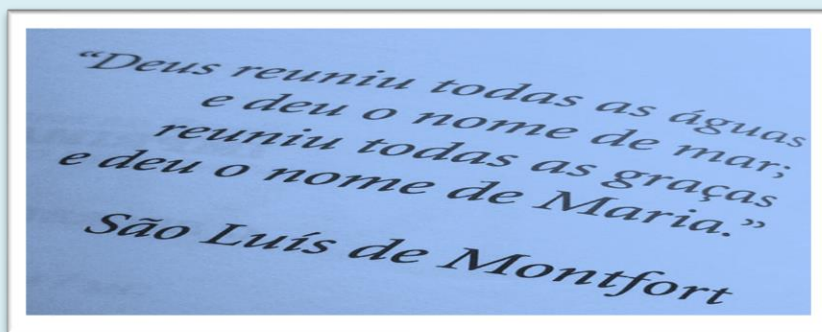
Informações / Comunicações

I – Missa solene de tomada de posse do novo Patriarca de Lisboa, D. Rui Valério, SMM, no dia 3 de setembro, domingo, às 16 horas na igreja do Mosteiro dos Jerónimos. A entrada será pela porta sul até às 15: 45 horas. O P. Marco Pasinato, em representação do governo geral, estará presente. Que todos possamos participar neste momento de tanta responsabilidade para o nosso confrade e para a Congregação.

II - Retiro anual da Delegação: no dia 04 a 08 de setembro 2023, ocorrerá na casa das Irmãs S. José de Cluny de Torres Novas. Devemos estar todos para o jantar que será às 20.00 horas. Convém chegar algum tempo antes. Este retiro será animado pelo bispo emérito de Santarém, D. Manuel Pelino. Endereço: Rua de S. José, nº 12 (casa conhecida como Antigo Colégio de Santa Maria). Levar a alva e a estola.

III - Ocorreu no dia 09 de agosto 2023, na paróquia de S. Mamede, concelho da Batalha, o enterro da sra. Margarida do Fetal Carreira, mãe do Domingos Carreira da Silva, noviço monfortino, falecido em Itália, em finais dos anos 70, do século passado. A sra. Margarida tinha 93 anos e era regularmente visitada por alguns confrades. Os monfortinos fizeram-se representar nas suas exéquias fúnebres pelos padres Sousa e Amílcar.

IV- As Jornadas Marianas Monfortinas acontecem nos dias 21 e 22 de outubro 2023, na Casa das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, em Fátima. Serão conferencistas: P. Carlos Cabecinhas, Reitor do santuário de Fátima; P. Manuel Vieira, SMM; Irmã Verónica, ASM; Marco Daniel, diretor do museu do Santuário de Fátima. Haverá ainda um painel de testemunhos. A Eucaristia do dia 21 será presidida por D. Augusto César Ferreira da Silva, CM, bispo emérito de Portalegre – Castelo Branco. Façamos um esforço para estar presentes neste momento único do ano na vivência, formação e partilha da nossa espiritualidade.



ENDEREÇOS DOS MISSIONÁRIOS MONFORTINOS EM PORTUGAL

† Página Web: www.monfortinos.pt

† Youtube: <https://bit.ly/3jzPbCw> ou https://www.youtube.com/results?search_query=monfortinos+em+portugal

† Facebook: <https://bit.ly/3np879a> ou <https://www.facebook.com/groups/monfortinosportugal>